

## A problemática da consciência e seus desdobramentos neurocientíficos e filosóficos

Lionara Fusari\*

Resumo: O presente trabalho tem o intuito de tratar do problema a respeito do que é consciência, como a mesma foi sendo abordada na tradição filosófica ocidental e como atualmente o problema é vislumbrado dentro da filosofia e em relação com a ciência, em especial através das descobertas neurocientíficas. Partindo de uma perspectiva histórica e, posteriormente, perpassando por uma visão biológica, buscamos explicar a problemática da consciência mostrando que ela não é somente um aspecto lógico-racional humano, mas é ao mesmo tempo uma dimensão biológica que pode ser afetada de diversas formas quando o organismo dos indivíduos sofre alguma modificação (seja por meio da ingestão de alguma substância ou através de alguma modificação física no organismo humano). Ao final, apresentamos a compreensão de consciência como a conexão entre a dimensão biológica (corpórea) e a dimensão reflexiva do ser humano.

### 1 - O que é consciência?

Ao falarmos da temática a respeito da consciência nos damos conta de que não há uma definição segura do que significa consciência. Trabalhamos apenas com aproximações que nos oferecem um esboço pálido do que possivelmente seja a consciência como um todo. Ocorre, desse modo, que ao nos depararmos com esse assunto o discutimos, de maneira geral, de forma intuitiva muito mais do que de forma epistêmica, em que aceitamos que consciência é um modo de termos percepções sobre o mundo, sermos capazes de refletir sobre elas tomarmos determinadas atitudes ou não.

Porém, muito pouco foi feito para explicar algo sobre esse ‘modo’ de termos percepções sobre o mundo e, principalmente, sobre como seres humanos alçam um patamar reflexivo em que a consciência é o passaporte crítico que tem um papel decisivo que contribui na realização ou não de muitas das ações cotidianas. Acabamos, por vezes, satisfazendo-nos com analogias que desenham as aproximações a respeito da consciência; contudo, as analogias provavelmente não expressam o que de fato a consciência é ou manifesta. A psicologia se debruça um pouco mais no estudo da consciência, já a filosofia ainda encontra grandes desafios de apresentar uma concepção satisfatória.

Mesmo sem uma definição formal a respeito da consciência, mas pressupondo-a intuitivamente como uma instância epistêmica do ser humano e, ao mesmo tempo, uma instância relacional, podemos dizer que:

[a] consciência, de fato, é a chave para que se coloque sob escrutínio uma vida, seja isso bom ou mau; é o bilhete de ingresso, nossa iniciação em saber tudo sobre fome, sede, sexo, lágrimas, riso, prazer, intuição, o fluxo de imagens que denominamos pensamentos, os sentimentos, as palavras, as histórias, as crenças, a música e a poesia, a felicidade e o êxtase. Em seu nível mais simples e mais elementar, a consciência permite-nos reconhecer um impulso irresistível para permanecer vivos e cultivar o interesse pelo self. Em seu nível mais complexo e elaborado, a consciência ajuda-nos a

---

\*Doutoranda em Filosofia-PUCRS/CAPES. Orientador: Prof. Ernildo J. Stein. Contato: <lionafusari@gmail.com>.

cultivar um interesse por outras pessoas e a aperfeiçoar a arte de viver (DAMÁSIO, 2000, p. 20).

Ou seja, a consciência não é um bloco único de conteúdos adquiridos, que se apresentaria como um todo indivisível e inacessível. Ela vem sendo aprofundada de maneira que oportuniza visualizá-la em níveis distintos de expressão. Quem tem contribuído com essa visão é a neurociência por meio de suas investigações de ponta sobre o cérebro, seu modo de funcionamento e a maneira como ele nos conecta ao mundo e permite conhecê-lo. Essa questão será abordada mais adiante, na parte destinada aos desdobramentos neurocientíficos e filosóficos do estudo da consciência.

Passamos agora a uma abordagem filosófico-histórica sobre o tema ‘consciência’. Depois ingressaremos na discussão neurocientífica.

## **2-Como a problemática consciência foi abordada na história da filosofia?**

Na trajetória de desenvolvimento filosófico, o problema da consciência foi abordado como um bloco informativo único que comportava a reflexão individual sobre o agir ético-moral em sociedade. Ou seja, a consciência ao longo de toda a história da filosofia foi considerada como praticamente apenas dizendo respeito à parte de avaliação cognitiva individual que levava alguém a fazer juízos morais sobre a própria conduta ou sobre as circunstâncias.

O uso do termo ‘consciência’, recebido por empréstimo do latim *conscientia* (literalmente: *saber em comum*) pertenceu durante muito tempo, de maneira exclusiva, ao campo da ética. A genealogia desse uso remete, aliás, à história dos costumes. Como uma espécie de testemunha interior dos atos realizados pela própria pessoa, que atesta suas verdadeiras intenções, e as julga, essa consciência, embora *procurada no mais íntimo de nós mesmos*, evoca um conhecimento suscetível de ser compartilhado *com os outros* (coisa que corresponde ao grego *syneidesis*) (SIMHA, 2009, p.7).

A consciência por longo tempo foi considerado um problema intrinsecamente pertencente ao campo ético-moral, sendo considerado como uma avaliação interior que o ser humano realizava sobre si e suas ações com vistas a assumir a responsabilidade por algo. Essa vinculação da consciência ao campo filosófico da ética possivelmente retardou o levantamento de possíveis hipóteses e descobertas que mostram que a consciência se dá em diversos patamares dentro do *modus operandi* do ser humano e das relações que ele estabelece. O problema da consciência (o que é, como ela se expressa ...) esteve amplamente

vinculado à ética, e será explicitado através de um breve levantamento histórico da percepção de alguns filósofos sobre a temática aqui estudada.

Em Platão, consciência se relacionava com uma capacidade de transcender a compreensão sobre aspectos da realidade e alcançar “verdades” mais profundas. “A ideia de *ter consciência* é de fato, em Platão, inseparável daquela de uma *compreensão em ato*, enquanto reapropriação pela alma daquilo com que está aparentada – de maneira intemporal e incorporeal – *as Ideias ou Formas*” (SIMHA, 2009, P. 31). Isto é, essa capacidade da consciência de reconhecer o que está presente na interioridade humana e de ser capaz de ultrapassar esses conteúdos é que lhe dá o caráter de habilidade metateórica. Em Platão a consciência não se encerra sobre si, mas proporciona ao indivíduo lançar-se para além dele mesmo e, com isso, ser autocrítico e ético na polis. Porém, essa atitude de lançamento para além de si mesmo já é um patamar mais desenvolvido da consciência, relacionado a um nível ético-moral de ser consciente – se apresentando como um dos patamares ou níveis mais complexos da expressão e elaboração conscientes do ser humano.

Já em Agostinho de Hipona consciência é a expressão do reflexo da ação divina sobre o ser humano. Para esse pensador, consciência se expressa como razão, assim “o ato da razão é o ato de Deus na mente do ser humano, em que a consciência é o exercício da razão humana que procura chegar a Deus, segundo Silveira (2011). Dessa maneira, consciência “mostra a não-pertinência da significação corporal e espacial do olhar, [mas] a necessidade de uma interpretação espiritual do ato da consciência” (SIMHA, 2009, p.49).

Com o advento da Idade Média, Tomás de Aquino afirmou que “a consciência é o ato da potência que conhece, em nós, os princípios práticos, quando se aplica aos casos particulares” (SIMHA, 2009, p. 49). Conhecer os princípios práticos é uma forma de manifestar que a consciência atua reflexivamente e criticamente de maneira a conduzir os indivíduos a assumir determinadas condutas e rejeitar outras. Além disso, a perspectiva de Tomás de Aquino tem um caráter bastante aristotélico, destacando a consciência como o ato, ou seja, a própria realização da potência individual do ser humano, mas sempre segundo uma dinâmica na qual Deus é quem age no indivíduo para que ele manifeste a consciência que o conduziria de volta a Deus.

Na modernidade ocorre uma reviravolta propriamente dita em termos de concepção e investigação a respeito da consciência. Com René Descartes, e a assumpção da dúvida hiperbólica como método filosófico, nasce um novo método de pesquisa, com ele também surge uma maneira completamente nova de pensar a relação do ser consciente (razão) com a corporeidade. Silveira (2011) nos mostra que Descartes foi o primeiro filósofo a fazer um

estudo propriamente dito a respeito do problema da percepção humana consciente e a relação que a mesma mantinha com os fatos. Descartes propõe-se uma incursão filosófica em que procurava entender a *res cogitans* e a *res extensa*, de maneira a compreender **como e por qual razão** os seres humanos poderiam confiar na maneira como eram conscientes da realidade. A preocupação legitimamente filosófica de Descartes estava em entender o que nos dava a chance de confiar naquilo que a percepção consciente tinha apreendido sobre a realidade. Porém, por outro lado Descartes se inquiria a respeito de como toda essa dinâmica consciente, racional, estava conectada à corporeidade. A partir daí surge a discussão que perdura até nossos dias, sobre a filosofia da mente, e como se dá a conexão entre corpo e mente (mas este assunto não será o objeto de nossa investigação)<sup>1</sup>.

Descartes negava a naturalização da consciência, e segundo Simha (2009, p. 56) o “espírito, que é constituído de todo conhecimento e de toda ciência, transcende o mundo natural da ciência”. René Descartes não usa propriamente o termo “consciência”, mas o termo “espírito”, ao qual ele se refere, diz respeito à dimensão racional, percepção consciente, do sujeito. Assim, “a consciência está, portanto, no princípio da ciência da natureza, pelo outro, está no princípio do sentido que damos a nossas experiências” (SIMHA, 2009, p. 56). Por longo tempo se interpretou o trabalho de Descartes como uma necessidade de cisão entre a consciência e o corpóreo, mas esse é um engodo que até a contemporaneidade se tem discutido e tentado solucionar. A perspectiva cartesiana de seu estudo sobre a *res cogitans* e *res extensa*, e aí incluído o problema da consciência, se apresenta como uma unidade que é assinalada pela Sexta Meditação de Descartes em que “a ordem da vida, aquele sentimento pelo qual a nossa natureza constitui [através de] uma união corporal e espiritual” (SIMHA, 2009, p. 56).

Immanuel Kant parte da ideia de que a razão, a maneira como a consciência se apresenta, é uma instância do entendimento caracterizada como *pura* e não pode ser influenciada por nenhum evento, nem interno e nem externo ao indivíduo, e sempre guia-se por uma forma impecável de refletir, decidir e agir. Dessa maneira, a consciência será uma

---

<sup>1</sup> Ao longo da história, muitas interpretações levaram a entender o estudo cartesiano como uma separação entre a mente consciente e o corpo do sujeito. Porém, com grande probabilidade Descartes jamais assumiu intencionalmente a tarefa de cindir a consciência presente no ser humano e sua corporeidade, que lhe sustenta a existência. Caso René tivesse de fato separado a consciência do restante do corpo, a ele ficaria reservado um problema sério: como a consciência no que tange ao mental poderia ainda vir a conectar-se ao corpóreo? A partir daí, essa questão praticamente permaneceu como uma herança pesada para ser transportada pelos filósofos. Ainda hoje as consequências desse provável engano interpretativo em relação à obra cartesiana tem deixado uma árdua tarefa aos filósofos e estudiosos: reconectar o mental ao corpóreo – que jamais deveriam ter sido compreendidos como apartados.

*consciência pura*. Porém, sabemos que essa perspectiva reserva muitas dificuldades em ser aceita, porque os contraexemplos que podem ser formulados seriam muitos.

Segundo Simha (2009, p. 95),

[e]nquanto poder *originário* de síntese, a consciência poderá ser considerada como a condição de toda experiência (inclusive a do eu empírico, variável e subjetivamente diverso). Essa *consciência pura*, enquanto ponto único ao qual se deve deixar relacionar tudo o que pode se representar ou se experimentar, não poderia ser ela mesma analisada como objeto de conhecimento; enquanto sistema das condições de possibilidade da experiência (os princípios e conceitos puros *a priori* de todo conhecimento), ela é “apercepção transcendental”.

Ou seja, para Kant a consciência é *pura* e ela não pode ser objeto de investigação, mas ser apenas a instância racional que contribui para que um sujeito realize a unificação racional daquilo que apreende sobre a realidade, expresse autonomia e assuma uma conduta ética em suas relações.

Em relação à consciência,

esta é a posição kantiana, que sustenta a representação *Eu* (a apercepção) para a possibilidade que o sujeito tem (a faculdade) de formar um conhecimento dos fenômenos, e até que haja fenômenos. Unidade na qual somente é possível a ligação de todas as percepções, essa consciência não poderia ser, ela mesma, objeto de uma experiência (SIMHA, 2009, p. 95).

A posição kantiana a respeito da consciência esteve ligada à perspectiva do *a priori* – dimensão transcendente e inatingível que fundamentava toda a reflexão e o agir dos indivíduos – e a consciência originando-se do *a priori* apresentava-se assim como uma categoria *pura*, ou seja, por ser caracterizada como *pura* a consciência não poderia ser acessada e estudada segundo os moldes utilizados para outros elementos da realidade. O papel fundamental da consciência *pura* está em consolidar a unidade das mais variadas percepções, contribuindo, dessa maneira, para que o ser humano apresente compreensão sobre a realidade, seu modo de ser e agir em sociedade.

Já o filósofo John Locke ao utilizar a palavra “consciência” está comprometido com a visão de que consciência é

certeza absoluta que o homem tem de sua própria existência (...), e que a relação entre a alma e as suas próprias operações é o que ele chama de ‘reflexão’, mas também é verdade que o que ele chama de experiência em geral nada mais é que a consciência no sentido cartesiano, pois a mesma relação com o objeto externo inclui-se inteiramente na esfera da consciência que, por isso, não atinge nada além das ‘ideias’ (ABBAGNANO, 1998, p. 189).

Ao falar de experiência Locke mostra que essa é a forma do indivíduo aperceber-se, ser consciente, do que ocorre nele e/ou sobre ele segundo as influências que ele recebe. No *Tratado do Entendimento Humano* Locke trabalha a noção de consciência “pensada tal como o será em toda a reflexão filosófica e psicológica moderna, em estreita relação com a questão da identidade pessoal que se vai constituindo em um processo temporal” (SIMHA, 2009, p. 174).

Outro pensador importante que destacou alguns aspectos sobre a consciência, em seus fragmentos, é Friedrich Nietzsche. Nietzsche é um dos filósofos que também pensam a consciência como uma responsabilidade – conectada a uma dimensão de autonomia individual. Contudo, a sua visão analisa o alto preço que se paga em termos de sofrimento manifesto que o ser humano suporta com vistas a assumir responsabilidades e, a partir dela, sociabilizar-se através da consciência. Na obra *A genealogia da moral* Nietzsche vai dizer, se referindo a longa trajetória pela qual o conceito de consciência (e a própria formação dela no ser humano) veio passando, que: “Sua consciência?... Advinha-se de antemão que o conceito de ‘consciência, que aqui encontramos em sua mais alta, quase surpreendente configuração, já tem uma longa história e transmutação de forma atrás de si” (NIETZSCHE, Para a Genealogia da Moral, 1983, § 3 [segunda dissertação]).

Para Nietzsche a consciência é a aquisição de um processo de grande repressão pela qual os indivíduos vieram passando ao longo das eras e, com isso, com sofrimentos, coações e a diminuição de sua potência de vida, os humanos foram adquirindo um senso de responsabilidade – expresso pelo que se chama de consciência. Por outro lado,

[a] consciência provém precisamente disto, da soberania de uma disposição e de uma força: disposição para manter à distância as outras disposições, sob sua forma imediata e impulsiva, e impedi-las de esgotar-se no instante de sua efetuação, força de contenção interna, que libera uma vontade própria do indivíduo (SIMHA, 2009, p.187).

Apesar de, por um lado, a consciência ser o resultado de longas eras repressivas essa consciência na perspectiva nietzschiana relaciona-se com um assumir a própria potência de vida (vontade de poder humano) que se encontra na interioridade de cada ser. Porém, não foi sem passar por duras penas que o ser humano foi alcançando essa posição no mundo de certa soberania consciente sobre si, e que hoje lhe dá, em alguma medida, condição de experimentar a realidade com a nobreza/soberania da criticidade e não com uma percepção de rebanho.

Nietzsche identificava justamente essa consciência de soberania com aquela da identidade pessoal. O resultado do processo de formação desse indivíduo, *autônomo e soberano*, é o indivíduo que *só é semelhante a si mesmo*, que tem *uma vontade própria, independente e persistente* (SIMHA, 2009, p. 188).

Isto é, a consciência seria um parâmetro interno segundo o qual um indivíduo poderia, ao longo da vida, fazer avaliações sobre si próprio e sobre sua conduta assumida. A consciência não estaria relacionada a um sistema moral externo que exerceria ingerência sobre os humanos. A consciência seria uma forma de pensar e agir autonomamente, assumindo a responsabilidade perante a vida segundo a soberania individual adquirida sobre si mesmo, levando em conta o todo do ser humano, seus desejos, prazeres, anseios, bem como a sua vontade de potência e a razão.

Muitos outros seriam os pensadores que poderíamos citar aqui e que abordam a temática da consciência e aspectos correlatos a ela. Contudo, os filósofos que viemos abordando até aqui já nos dão uma significativa noção histórica sobre as distintas visões a respeito de como consciência foi abordada na filosofia ocidental.

Assim, agora passaremos a uma nova perspectiva de abordagem da consciência inserida no panorama contemporâneo contemplado pela ciência, especialmente pela biologia e neurociência.

### **3-A consciência discutida neurocientificamente e filosoficamente**

Na atualidade, a neurociência tem feito descobertas muito maiores do que todas as já realizadas em muitos milênios de investigações científicas e filosóficas.

Especialmente na área da neurociência as pesquisas do neurocientista Antônio Damásio têm mostrado os diferentes níveis de consciência presentes nos seres humanos. “(...) A consciência não é um monólito, pelo menos não nos seres humanos: ela pode ser separada em tipos complexos e simples, e os dados neurológicos deixam clara essa separação” (DAMÁSIO, 2000, p.33).

Antes do século XX não tínhamos noções muito aprofundadas sobre a neuroanatomia e o funcionamento cerebral, dos neurônios e as funções exercidas por eles. Os avanços nas pesquisas conduziram o estudo do cérebro e, aqui em nosso caso no que se refere à consciência, a um tão elevado grau de sofisticação que nos propiciou compreender como se dão as sinapses entre os neurônios e basicamente a transmissão de informações. Isso vem contribuindo significativamente para perceber que os processos neurocientíficos são responsáveis por níveis diferenciados de percepção consciente.

A partir daí as pesquisas científicas mostram que há níveis distintos de consciência. António Damásio, a partir dos estudos neurobiológicos e exemplificando esse estudo com o caso Phineas Gage<sup>2</sup>, aprofunda como a consciência ocorre biologicamente e de que maneira e em quantos prováveis níveis as informações são processadas no cérebro. Cada vez mais, novas pesquisas mostram patamares de consciência antes desconhecidos. Damásio assim elucida o problema da consciência dentro da neurociência:

(...) considero o problema da consciência uma combinação de dois problemas intimamente relacionados. O primeiro é entender como o cérebro no organismo humano engendra os padrões mentais que denominamos, por falta de um termo melhor, as imagens de um objeto. *Objeto* designa aqui entidades tão diversas quanto uma pessoa, um lugar, uma melodia, uma dor de dente, um estado de êxtase; *imagem* designa um padrão mental em qualquer modalidade sensorial, como por exemplo, uma imagem sonora, uma imagem tátil, a imagem de um estado de bem-estar. (...) Falando de um modo mais direto, esse primeiro problema da consciência é o problema de como obtemos um ‘filme no cérebro’, devendo-se entender, nessa metáfora tosca, que o filme tem tantas trilhas sensoriais quantos são os portais sensoriais de nosso sistema nervoso – visão, audição, paladar, olfato, tato, sensações viscerais etc. (...)

Vejamos agora o segundo problema da consciência. Como, paralelamente ao engendramento de padrões mentais para um objeto, o cérebro também engendra um sentido do self no ato de conhecer? (...) As imagens sensoriais do que você percebe externamente e as imagens relacionadas que você evoca ocupam a maior parte do campo de ação de sua mente, mas não totalmente. Além dessas imagens existe também essa outra presença que significa você, como observador das coisas imagéticas, como agente potencial sobre as coisas imagéticas. (...) Dessa perspectiva, a presença de você é o sentimento do que acontece quando seu ser é modificado pelas ações de apreender alguma coisa. Essa presença nunca se afasta, do momento em que você desperta até o momento em que seu sono começa. Ela tem de estar presente, caso contrário você não existe (DAMÁSIO, 2000, p. 25-26).

Ou seja, a neurociência está buscando entender a princípio esses dois níveis distintos de consciência, o nível básico em que temos a percepção sobre o mundo e no qual se passa um filme em nosso cérebro sobre o que é percebido, e em um segundo nível no qual manifestamos uma consciência complexa e uma autoconsciência e, a partir daí, formulamos uma identidade e também uma percepção da percepção.

Assim, a discussão científica e as pesquisas realizadas sobre a consciência no nível neurobiológico estão empenhadas em tentar solucionar esse problema, explicando como esses dois níveis de consciência se estabelecem nos seres humanos por meio de um viés biológico.

---

<sup>2</sup> Verificar uma explanação completa sobre o caso em DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 no capítulo 1, páginas 23 a 41.



No mínimo, portanto, a neurobiologia da consciência defronta-se com dois problemas: como o filme no cérebro é gerado e como o cérebro também gera o senso de que existe alguém que é proprietário e observador desse filme. Esses dois problemas são tão intimamente relacionados que o segundo se aninha dentro do primeiro. (...) Contudo, apesar da estreita relação entre os dois problemas, separá-los é um modo de dividir em partes o problema da consciência e, ao fazê-lo, tornar exequível a investigação global da consciência (DAMÁSIO, 2000, p. 27-28).

Isso significa que ao separar o problema em partes isso torna metodologicamente mais palpável a tarefa de investigar a consciência e os seus modos de expressão, mas isso não significa que se está a dividir a consciência que, mesmo apresentado aspectos diferenciados em sua expressão, sempre funciona em todos os seus níveis conjuntamente e de maneira unificada – sendo este último aspecto ainda não compreendido por nós nos vários âmbitos de pesquisa. O que a neurociência sabe é que “[a] consciência é um fenômeno inteiramente privado, de primeira pessoa, que ocorre como parte do processo privado, de primeira pessoa, que denominamos mente. A consciência e a mente, porém, vinculam-se estreitamente a comportamentos externos que podem ser observados por terceiras pessoas” (DAMÁSIO, 2000, p. 29).

Além disso, alguns experimentos realizados por António Damásio a partir dos estudos do cérebro e sua expressão no comportamento, reflexão e tomada de decisão dos indivíduos evidenciam o quanto a consciência pessoal é suscetível à influências factuais e químicas, perturbações e até mesmo à mudanças definitivas. A consciência apresenta um patamar biológico, mas vai um pouco mais além dele.

As pesquisas neurocientíficas mostram que a consciência é muito mais do que a expressão do funcionamento do cérebro (suas funções algorítmicas, binárias) e também vai muito além da distribuição equilibrada de substâncias químicas no processamento das sinapses (tais como hormônios, serotonina, entre outras). O filósofo contemporâneo John Searle relaciona a consciência com os processos biológicos que ocorrem no organismo humano, mas não apenas com eles. Em primeira pessoa Searle (1997, p. 126) afirma: “o que vou dizer soará quase autocontraditório: de um lado, afirmarei que a consciência é apenas uma característica biológica ordinária do mundo, mas tentarei também mostrar por que consideramos quase literalmente inconcebível que seja assim”.

A complexidade da consciência e a resolução desse problema vêm sendo notado pelo estudo de casos de lesões presentes no cérebro. “As áreas de dano cerebral circunscrito por doenças neurológicas, conhecidas como lesões, têm sido há muito um esteio dos estudos da base neural da mente” (DAMÁSIO, 2000, p. 30). Essas lesões apresentam consequências

diretas na expressão da consciência – que são muitas para serem levantadas aqui, mas entre elas podem ser citadas dificuldades de interagir com a realidade, dificuldade de tomar decisões, entre outras.

Damásio em *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano* (1996) inicia seu estudo destacando que certas lesões no cérebro podem comprometer de tal modo a percepção consciente de um indivíduo que o mesmo pode ter sua personalidade completamente modificada. Na obra seguinte *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si* (2000), Damásio avança significativamente em seus estudos mostrando que em termos de lesões cerebrais e na manifestação da consciência uma pessoa que foi afetada em alguma parte de seu cérebro (por lesão, cirurgia, derrame, etc) pode até mesmo não se aperceber da falta de mobilidade em um determinado membro, e continue pensando que seu membro funciona como usualmente acontecia. Ou seja, a dimensão da autoconsciência pode ficar comprometida por causa de certas lesões cerebrais e, assim, parcialmente o restante das percepções conscientes de um indivíduo sobre a realidade. Esse tipo de doença chama-se anosognosia (Damásio, 2000, p. 269) – em que o cérebro sofre uma lesão em determinado local, mas o todo restante do processo da consciência básica apresenta um funcionamento adequado, mas no que se refere à consciência em seu nível mais complexo, que comporta a autoconsciência, o indivíduo é incapaz de perceber um estado de doença ou disfunção em seu próprio corpo. Vamos ao exemplo que elucida isso:

O exemplo clássico de anosognosia é o da pessoa que sofreu um derrame, está com o lado esquerdo do corpo totalmente paralisado, sendo incapaz de mover a mão e o braço, a perna e o pé, está com a metade do rosto imóvel, incapaz de sentar-se ou andar, mas permanece na total ignorância do problema e afirma que não há absolutamente nada de errado. Quando lhes perguntamos como eles se sentem, os pacientes com anosognosia respondem com sinceridade: “Estou bem”. Esse distúrbio espantoso foi descrito pela primeira vez por Babinski, no início do século XX (DAMÁSIO, 2000, p. 270).

Um indivíduo por meio da percepção consciente não consegue constatar seu próprio problema; não é uma negação e nem mesmo um mecanismo inconsciente de recalçamento atuando, mas é uma incapacidade de perceber que existe um problema, uma consequência em seu corpo que desencadeou alguma disfunção.

Em termos biológicos, compreendemos o problema como ele vem sendo explicado pela neurobiologia, tal como uma lesão em alguma parte do cérebro que compromete a manifestação da consciência. Mas em termos filosóficos nos perguntamos: como pode a unidade da consciência ser cindida, em termos de autoconsciência, em que há percepções em

relação a alguns aspectos e em relação a outros não? Haveria mais do que um tipo de unidade e modos de formulação diferentes a respeito da unidade da consciência? E principalmente, o que faz com que um ser humano continue mantendo uma consciência mais básica – de objetos, pessoas, situações – e perca a consciência mais complexa que diz respeito a si mesmo? Qual elemento realiza a conexão entre a percepção consciente mais básica e a que se expressa com maior complexificação e que tratamos como consciência em termos de responsabilização ético-moral?

Esse é um ponto instigante frente a centenas (ou milhares) de outros que a neurobiologia nos apresenta e que a filosofia começa a ingressar investigativamente. Há nos estudos realizados até aqui muitos outros exemplos que poderiam ser trazidos para a discussão, tais como a amnésia global transitória, a assomatognosia (falta de reconhecimento do próprio corpo)<sup>3</sup> entre outros.

Porém, esses outros aspectos ficarão para outros trabalhos e oportunidades futuras.

#### **4-Apontamentos finais**

Levantamos até aqui um breve estudo filosófico-histórico a respeito do problema da consciência, bem como apontamos alguns aspectos neurocientíficos que estão sendo estudados sobre a consciência e que provavelmente virão a nos esclarecer mais sobre o que é e como de fato a consciência humana se manifesta.

Percebemos que a consciência é uma maneira de experimentar e perceber o mundo. Na parte final deste trabalho podemos acompanhar o desenvolvimento segundo o qual a neurociência nos mostra a profunda relação entre o corpo (o cérebro, neurônios e tudo mais) e a consciência. Exemplos significativos levantados acenam que possíveis lesões (na dimensão corporal-cerebral) apresentam consequências diretas sobre a consciência – alterando-a de algum modo.

Os presentes estudos têm nos mostrado que aquilo que consideramos como consciência é um todo que envolve um substrato biológico e que não é um monólito indivisível. A possibilidade dela apresentar-se em outros níveis nos abrirá caminhos para sua maior compreensão. A consciência se expressa em vários níveis e vai além da função do cérebro que analisa logicamente a realidade. Este aspecto que vai além do âmbito lógico-cognitivo da consciência é um dos enfoques que contribuirá na produção de uma tese a respeito de que vem a ser consciência em uma perspectiva mais englobante.

---

<sup>3</sup> Para maiores e aprofundadas explanações sobre esses casos consultar DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Esse substrato biológico, o corpo, exerce uma função continuamente ativa na formulação e expressão da consciência, segundo o que as pesquisas e experimentos neurocientíficos vêm mostrando. Isso retira do nosso conjunto de reflexões a pseudo crença de que a consciência seria a expressão somente da formulação lógico-racional da razão analisando a realidade segundo o que a filosofia havia nos mostrado até então. A consciência além de ser reflexiva e lógica, também é um modo pelo qual o corpo experimenta-se e sente os fatos e consegue lidar com eles – indo de encontro a eles ou retraindo-se através de um processo global autoconsciente.

O que podemos dizer mais sobre isso é que os estudos a respeito do que é consciência continuamos progredindo e novos exemplos colaboram para pensar a questão. Assim, com um olhar em metanível buscamos entender a consciência em sua unidade e na maneira como ela nos permite estabelecer uma relação com o mundo, indivíduos, circunstâncias, seres a partir de nós mesmos.

#### REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi – 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. Para Genealogia da Moral. *Obras Incompletas*. Tradução e Notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 304.

SILVEIRA, Cedaíor. *Aula/Palestra*. Informação verbal. Porto Alegre-RS, Maio-Junho, 2011.

SEARLE, John. *A redescoberta da mente*. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SIMHA, André. *A consciência, do corpo ao sujeito: análise da noção, estudos de textos: Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2009.